



COMPOSIÇÃO VI, 2003. LUIZ HENRIQUE DOS SANTOS. ACRÍLICA S/ TELA

## PONTO DE VISTA

### Wikipédia

A Wikipédia, enciclopédia *on-line* desenvolvida por Jimmy Wales, figura hoje como um dos mais notáveis fenômenos da Internet. Baseada no princípio da livre inserção de verbetes por qualquer internauta, ultrapassou, em quantidade, as mais tradicionais enciclopédias já criadas. Apesar disso, o artigo mostra que a Wikipédia está às voltas com dificuldades, sinalizando que o modelo que lhe deu origem precisa evoluir para sustentar sua expansão.

por **Julio Daio Borges** DIGESTIVO CULTURAL

Depois de mais de cinco anos de euforia e algumas críticas à Wikipédia, nunca a “enciclopédia *on-line*” foi tão questionada. Passando por uma espécie de crise existencial, em que seu fundador, Jimmy Wales ([http://en.wikipedia.org/wiki/Jimmy\\_Wa-](http://en.wikipedia.org/wiki/Jimmy_Wa-)

les), procura ansiosamente uma maneira de sustentar o projeto – que cresceu muito –, a Wikipédia está exposta e é alvo de ataques os mais variados: desde a noticiada corrupção de alguns de seus editores até a fragilidade de sua checagem de infor-

mações, uma vez que a Wiki, como querem os mais jovens, é hoje uma das principais fontes de informação para os internautas.

Vale a pena, no entanto, conhecer um pouco da história (e das idéias) por trás desse projeto, que,

apesar da resistência de jornalistas e acadêmicos em geral, foi uma das iniciativas mais bem-sucedidas da Internet comercial no mundo todo, com a possibilidade de se tornar ainda o principal *site* da Web. Enquanto Wales não se decide por um modelo de monetização – pois teme, com um movimento errado, descaracterizar irreversivelmente a Wiki –, todos, no mundo todo, se debruçam sobre a Wikipédia.

**Distorção conceitual.** Como muita coisa na Internet, a descrição da Wikipédia é um pouco falha. Afinal, as enciclopédias (<http://en.wikipedia.org/wiki/Encyclopedia>), desde o Iluminismo de Diderot e D’Alambert, sempre foram obras de luminares, um grupo seletivo de homens que, em princípio, se dispunha a organizar o conhecimento de toda uma sociedade.

No mundo dos dicionários, por exemplo, um caso próximo ao Brasil é o de Antônio Houaiss, lingüista, filólogo e tradutor do *Ulysses* de James Joyce, que teve o seu *Dicionário Houaiss* concluído só depois de sua morte, em um empreendimento que consumiu reais na ordem dos milhões e que envolveu, além do próprio autor, uma equipe de dezenas de pessoas (durante anos).

Portanto, a Wikipédia, com sua atual abertura à intervenção de praticamente qualquer indivíduo, confronta diretamente o conceito de enciclopédia antes da Web e, por conseguinte, toda a sua história desde o século XVIII. Conforme criticou o polemista José Nêumane Pinto, no

**A Wikipédia, com sua atual abertura à intervenção de praticamente qualquer indivíduo, confronta diretamente o conceito de enciclopédia antes da Web e, por conseguinte, toda a sua história desde o século XVIII.**

*Jornal da Paraíba* – em um ataque, na realidade, direcionado ao Ministro Gilberto Gil –, “uma enciclopédia ‘de todos para todos’ não é uma utopia, é uma contradição”.

Ocorre, porém, que a história (muito recente) da Internet está cheia dessas contradições. E não porque os empreendedores da *World Wide Web* cultivem algum gosto pela polêmica, mas simplesmente porque a Grande Rede começou como um reflexo do mundo real, o chamado mundo virtual, tomando compulsoriamente emprestados conceitos que, conforme foram sendo aplicados ao ambiente da Web, de repente se rebelaram, se tornaram desatualizados, obsoletos ou até mesmo contraditórios.

Como no caso do fenômeno dos vídeos *on-line*, por obra e graça do *site* YouTube, não se trata de televisão na Internet, nem da nova televisão e nem mesmo do futuro da televisão – mas sim, provavelmente, de uma terceira via, que não é a Internet de antes do YouTube, mas que também não é, ainda que descenda dela, a própria televisão. O mesmo ocorreu com os portais, que não são os novos jornais; com os *blogs*, que não são o velho jornalismo recauchutado (ainda bem); e com os *podcasts*, que não são o rádio, nem serão os novos

programas de rádio. Acontece que o novo, às vezes, recorre à denominação do velho (ou do já conhecido) pelo simples fato de que é mais fácil manejar conceitos estabelecidos (muito embora, como se vê, nem sempre seja o mais adequado).

Depois do advento do Napster (1999) e da subsequente troca de faixas de música *on-line*, irrompeu, pela Internet, o novo conceito de *peer-to-peer* (<http://en.wikipedia.org/wiki/Peer-to-peer>). Pela primeira vez, a partir daí, a comunicação não se dava exclusivamente no sentido cliente (internauta) – servidor (*website*). Pela popularização recorde do Napster, internautas no mundo todo trocavam agora seus arquivos entre si, não dependendo mais de nenhum servidor (central) – o que impediu o combate efetivo a esse tipo de pirataria ou a essa infração dos direitos autorais.

Processos foram movidos imediatamente contra o Napster e contra o criador do *software*, um jovem americano de menos de 20 anos, mas seria tudo em vão, uma vez que o conceito de *peer-to-peer* já se havia instalado e outros programas, como o KaZaA, surgiriam, minando para sempre os lucros das grandes gravadoras. A Wikipédia, nesse contexto,

não funcionaria tão bem se ignorasse o *peer-to-peer* e se fosse apenas mais uma enciclopédia tradicional, com verbetes rigorosamente redigidos por professores-doutores, à disposição de quem quisesse ler, comprar ou assinar.

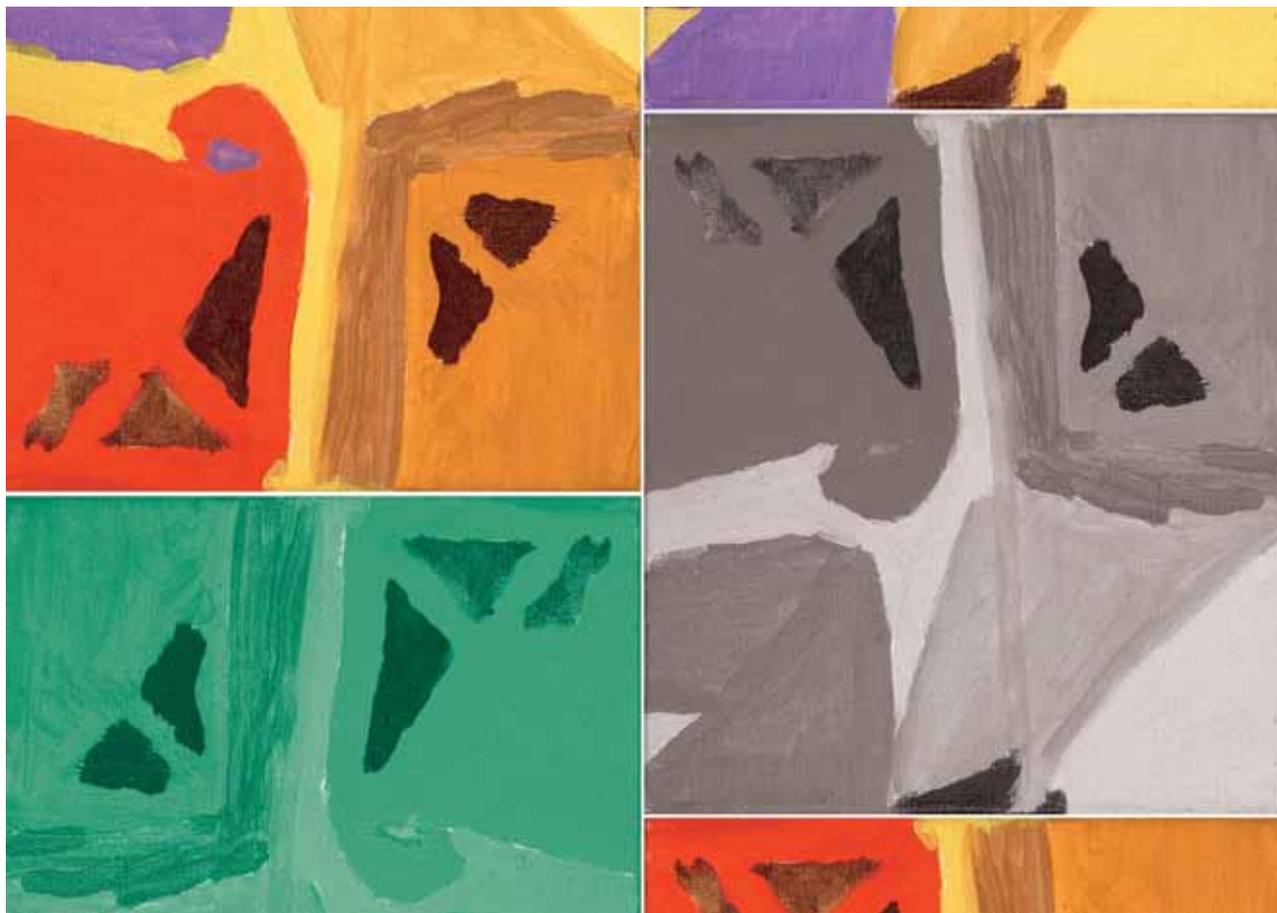
**O segredo da Wikipédia.** A “distorção” conceitual proposta por Jimmy Wales é o grande calcanhar-de-aquiles e, ao mesmo tempo, a grande “sacada” da Wikipédia. O escritório da Wiki, no mundo real, não tem mais de vinte pessoas trabalhando, em mais de cinco anos de atividades, mas a enciclopédia virtual

tem mais de um milhão de verbetes, enquanto uma enciclopédia tradicional não conseguiu ainda alcançar, mesmo com todo o *know-how* de séculos, o número de cem mil verbetes publicados.

A Wikipédia é, em menos de dez anos de existência, dez vezes maior que uma enciclopédia com tradição secular. Abstraindo por um instante a recorrente questão dos erros, das informações de caráter duvidoso e mesmo da sobrevivência da Wiki daqui por diante, o projeto de Wales obteve um sucesso sem precedentes. Jimmy Wales, embora tenha montado uma fundação e só gaste, até agora,

dinheiro com a Wikipédia, revelou ter um pé fincado no velho capitalismo, pois inaugurou um modelo de colaboração escrita que obteve um “ganho de escala” como poucos ou nenhum projeto anterior. Editores do mundo todo se interessariam, avidamente, em saber seu segredo.

Muito se fala na ferramenta, no *software*, da Wikipédia. Inclusive, seu nome viria daí. *Wiki* ou *wiki wiki*, em havaiano, significaria algo rápido, ágil, fácil. O conceito de *wiki*, em Internet, começou, como é na Wikipédia, com páginas não-estáticas que cada internauta poderia, ele mesmo, “editar”. Ou seja: além de poder



inaugurar um verbete inexistente a qualquer tempo, o usuário da Wiki poderia, em princípio, reescrever verbetes já publicados na enciclopédia *on-line*, o que é uma pequena revolução, mas que não é a única (além de ser, sob muitos aspectos, problemática).

No auge do conceito de *wiki*, revistas eletrônicas foram inauguradas, inclusive no Brasil, e o jornal *Los Angeles Times*, em sua versão para a Internet, foi o primeiro a lançar verdadeiros editoriais *wiki*, nos quais os leitores eram livres para modificá-los, se não concordassem com eles. Dos projetos brasileiros, pouco ou nenhum restou, dada a baixa repercussão, mas para o *Los Angeles Times*, a experiência foi amarga – pela invasão incontrolada de *web-anarquistas*, *vândalos virtuais* e *spammers* de toda sorte. O jornal americano teve de voltar atrás. Mas a Wikipédia prosperou. Por quê?

A chave, segundo especialistas, não estaria apenas no aspecto editorial da Wiki, mas em seu sistema internamente desenvolvido, que eleger “editores” para aprovar, revisar e até “vigiar” seu conteúdo ao redor do globo. Ninguém disseceu ainda as entranhas da Wikipédia – e seria um *case* e tanto –, afinal Jimmy Wales não se dispõe a vender tão barato sua fórmula. Ao que parece, Wales e sua equipe começaram “promovendo” os colaboradores mais assíduos à função de “editores”. Essas pessoas, do mesmo jeito que eram abnegadas produzindo conteúdo de graça para a fundação da Wiki, passaram a “fiscalizar” voluntariamente todo o

**A enciclopédia virtual tem mais de um milhão de verbetes, enquanto uma enciclopédia tradicional não conseguiu ainda alcançar, mesmo com todo o *know-how* de séculos, o número de cem mil verbetes publicados.**

conteúdo novo, apagado ou modificado.

Graças a esse sistema de funcionamento miraculoso, a Wikipédia pôde se expandir até a casa dos milhões sem que aquela equipe inicial, hoje com menos de vinte pessoas, precisasse checar uma a uma as páginas da enciclopédia *on-line*. Graças a esse “algoritmo”, uma página danificada é repostada ou recuperada em questão de minutos ou horas – principalmente se for um verbete muito acessado. Por ser considerada um bem público por uma multidão de editores, a Wiki é religiosamente supervisionada 24 horas por dia, 7 dias por semana.

### **Em busca da sobrevivência.**

Por considerá-la hoje um patrimônio da humanidade, Jimmy Wales talvez tenha um excesso de pudor em privatizá-la. Como tantos outros projetos bem-sucedidos da Internet em tempos de banda larga, no entanto, a fundação da Wikipédia não parece preparada, em termos de estrutura, para sustentar a enciclopédia *on-line* em sua contínua expansão.

Wales, resistindo estoicamente em comercializar a Wiki, não pode convocar, por exemplo, investidores, como convocaram os fundadores do

YouTube. Até porque a Wikipédia não tem um modelo de negócios – parece resistir, igualmente, aos modelos hoje existentes – e, futuramente, ninguém teria interesse em comprá-la ou, extrapolando, em adquirir suas ações na Bolsa. Do jeito que está agora, a Wiki não dá lucro e não gerará dividendos tão cedo. Fornece apenas sua contribuição (ainda que questionável em alguns pontos) ao conhecimento humano, confere uma aura mística a seu fundador e é um dos projetos de Internet mais admirados de todos os tempos. Contudo, se não se mexer, pode acabar amanhã.

A primeira e mais óbvia sugestão para rentabilizar a Wikipédia é povoá-la com *banners*. É, ao mesmo tempo, a sugestão mais combatida – não só porque o formato *banner* esteja em crise há anos, mas porque o Google, por exemplo, resistiu a essa tentação e encontrou, à sua maneira, o modelo de negócios mais rentável que já houve na WWW (o de anúncios por palavra-chave). Será que Jimmy Wales espera por uma iluminação desse tipo?

A segunda sugestão que ronda a Web é, justamente, associar os promissores “anúncios contextuais” do Google (<http://en.wikipedia.org/wiki/Adwords>) aos verbetes já



existentes da enciclopédia *on-line*. Especialistas prevêem que, como no caso das buscas, seria um acerto. Wales, porém, não quer fazê-lo, e está com ele quase a metade dos usuários da Wiki atual.

Uma terceira sugestão, mais controversa, é a “doação”: “Você gostou deste verbete? Quer que ele continue assim como está (gratuito e ao mesmo tempo livre de anúncios)? Então, contribua para sua manutenção doando...”. Parece mais simpático, mas outros fenômenos de publicação *on-line*, como os *blogs*, já tentaram e não se sustentaram apenas com doações (anúncios foram necessários como uma complementação).

Jimmy Wales e a sua Wikipé-

dia começaram o ano de 2007 sob o fogo cruzado dessas e de outras discussões. Enquanto Wales não se decide, novas iniciativas entram em campo. Por parte do mesmo Wales, aliás, sabe-se da “Wikia” (<http://en.wikipedia.org/wiki/Wikia>), uma empresa que se propõe a comercializar o tão admirado *software* de edição da Wiki original. O objetivo seria sustentar a fundação (mas se estivesse dando o resultado esperado, Wales não seguiria em sua peregrinação por modelos de negócios).

No mesmo impulso, surgem projetos de outras “Wikipédias” com um processo de checagem mais confiável ou, então, de enciclopédias “*old school*” com ambições expansionistas

visando ao sucesso e ao público da mais famosa versão *on-line*. Para uma Internet que começou entronizando o modelo noticioso de jornais, revistas, rádios e canais de televisão, este é um momento interessante: fustigados pelos *blogs* e pela eterna crise do papel, não seria hora de o jornalismo também caminhar para o enciclopedismo? A Wikipédia pode, na pior das hipóteses, acabar – mas sua marca permanecerá indelével.

---

Julio Daio Borges  
 Editor do Digestivo Cultural  
 E-mail: [juliodaioborges@gmail.com](mailto:juliodaioborges@gmail.com)